

# O coração de Maria e a mística da reparação

JOSÉ JACINTO FERREIRA DE FARIAS, SCJ  
Faculdade de Teologia – UCP

A devoção ao Imaculado Coração de Maria faz parte da mais pura tradição espiritual em Portugal, tendo tido como principais impulsionadoras as Aparições em Fátima, a fonte mais importante, dada a autenticidade dos acontecimentos de 1917 reconhecida pela Igreja, por um lado, e, por outro, a experiência mística de Alexandrina de Balazar (1904-1955), beatificada por S. João Paulo II, em Roma, no dia 25 de abril de 2004. Os Pastorinhos, e muito particularmente a Irmã Lúcia (1907-2005) e a beata Alexandrina, foram os principais protagonistas de um movimento que contagiou a Igreja em Portugal e no mundo, devendo-se à intervenção da beata Alexandrina que Pio XII consagrasse o mundo ao Imaculado Coração de Maria a 31 de outubro de 1942, numa mensagem transmitida a partir do Santuário de Fátima, quando se celebravam os 25 anos das Aparições, tendo a consagração ao Imaculado Coração de Maria sido repetida em Roma, na Basílica de S. Pedro, no dia 8 de dezembro do mesmo ano<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Sobre este tema da *consagração ao Imaculado Coração de Maria*, a história e a teologia, veja-se o estudo de: G. GREEN, *Les antécédents doctrinaux et historiques de la Consécration du Monde au*

Por influência das comunidades cristãs do terceiro mundo e especialmente da América Latina, onde se dá muita importância à *religiosidade popular* como um lugar privilegiado para o encontro com Deus, a devoção mariana tem despertado renovado interesse. Segundo o *documento de Aparecida* [2007], da Conferência Episcopal Latino Americana:

«Não podemos desvalorizar a espiritualidade popular ou considerá-la como modo secundário da vida cristã, porque seria esquecer o primado da ação do Espírito e a iniciativa gratuita do amor de Deus. A piedade popular contém e expressa um intenso sentido da transcendência, uma capacidade espontânea de se apoiar em Deus e uma verdadeira experiência de amor teológico. É também uma expressão de sabedoria sobrenatural, porque a sabedoria do amor não depende diretamente da ilustração da mente, mas da ação interna da graça. Por isso, a chamamos de espiritualidade popular. Ou seja, uma espiritualidade cristã que, sendo um encontro pessoal com o Senhor, integra muito o corpóreo, o sensível, o simbólico e as necessidades mais concretas das pessoas. É uma espiritualidade encarnada na cultura dos simples, que nem por isso é menos espiritual, mas que o é de outra maneira»<sup>2</sup>.

Fazendo eco da sua origem latino-americana e do *Documento de Aparecida*, o Papa Francisco sublinha a importância da *religiosidade popular* para a vivência prática da *alegria do Evangelho* nestes termos:

«Na piedade popular, por ser fruto do Evangelho inculturado, subjaz uma força ativamente evangelizadora que não podemos subestimar: seria ignorar a obra do Espírito Santo. Ao contrário, somos chamados a encorajá-la e fortalecê-la para aprofundar o processo de inculturação, que é uma realidade nunca acabada. As expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um lugar teológico a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização»<sup>3</sup>.

No entanto, depois do Concílio e de se ter assistido ao apogeu da devoção ao Coração de Jesus, com a encíclica *Haurietis Aquas* de Pio XII, de 15 de maio de 1946, e da consagração do mês de junho ao Coração de Jesus, durante quarenta anos praticamente não se falou do Coração de Jesus

*Coeur Immaculé de Marie*, in: D'UBERT DU MANOIR (dir.), *Maria. Études sur la Sainte Vierge* I (Paris: Beauchesne 1949) 825-873.

<sup>2</sup> V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, *Documento de Aparecida* (29 de Junho de 2007), § 263.

<sup>3</sup> PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* (24.11.2013), § 126.

até à beatificação de Santa Faustina (1905-1938) a 18 de abril de 1993, com a qual se retoma na Igreja a adoração ao Coração de Jesus, a expressão da divina misericórdia<sup>4</sup>.

A crise da devoção mariana acompanhou também a crise da devoção ao Coração de Jesus, que, igualmente, depois do Concílio sofreu notável esmorecimento entre o povo cristão, muito embora a devoção mariana tenha resistido mais do que a devoção ao Coração de Jesus que, em termos populares, quase desapareceu como expressão significativa.

Nos últimos tempos, tanto a devoção ao Coração de Jesus como ao Imaculado Coração de Maria voltam a adquirir renovada expressão entre o Povo de Deus, a primeira através da espiritualidade de Santa Faustina Kowalska centrada na *divina misericórdia*, e que em si mesma é uma variação da devoção ao Coração de Jesus, agora na contemplação do Cristo pascal (mas que mantém, na sua representação, os sinais da paixão, as chagas do lado, das mãos e dos pés), de cujo Coração brotam feixes de luz, como o sangue e água do Coração de Jesus suspenso da Cruz: «Ao chegarem a Jesus, vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados perfurou-lhe o lado com uma lança e logo saiu sangue e água. Aquele que o viu é que o atesta e o seu testemunho é verdadeiro; e sabe que diz a verdade para que também vós acrediteis» (Jo 19, 34-35).

A canonização da mística polaca, por S. João Paulo II, no dia 30 de abril do ano 2000 foi a confirmação da autenticidade desta espiritualidade. Movido pela influência de Santa Faustina, o mesmo pontífice consagrou o domingo da pascoela (segundo da Páscoa) à celebração da Divina Misericórdia, tal como Santa Faustina tinha registado no seu *Diário*, como vontade expressa por Jesus nas suas revelações: «Desejo que esta Imagem seja exposta publicamente no primeiro Domingo depois da Páscoa. Este Domingo é a Festa da Misericórdia»<sup>5</sup>.

Hoje são muitos os que praticam a devoção do *terço da misericórdia* todos os dias às 15h00; mas são ainda mais os que rezam o terço todos os dias, pelo menos em Portugal, pela Renascença, transmitido para todo o mundo a partir de Fátima. No que diz respeito à teologia, os Congressos

<sup>4</sup> Cf. J. BEBOIST – A. MONTABONE, *Découvrir la Prière au Coeur de Jésus et de Marie* (Paris: Salvator 2004), 49.

<sup>5</sup> SANTA FAUSTINA KOWALSKA, *Diário. A Misericórdia Divina na minha alma*, Caderno 1, § 88 (Fátima: Marianos da Imaculada Conceição 1995), 89.

internacionais e os Simpósios que, a partir das celebrações dos 80 anos da Aparições em 1997, se têm realizado têm permitido tanto a nível nacional como internacional relançar para o mundo culto a importância da mensagem de Fátima.

Propomo-nos, neste ensaio, desenvolver uma reflexão teológica na qual procuramos articular o que no Novo Testamento podemos colher sobre o *coração* de Maria com o que encontramos na Mensagem de Fátima focalizada no *Coração Imaculado*, e nos apelos práticos a uma participação *reparadora* no apelo que desde as *bodas de Caná* ela vem fazendo à Igreja para que todos, tal como os servos nas bodas, *façam tudo o que Ele lhes disser* (Jo 2,5). Este convite vai concretizar-se na *grande promessa*, que é a indicação de um *caminho simples* que o contemplativo pode percorrer na prática da *oração do coração*, a oração individual ou familiar da contemplação dos mistérios da vida de Jesus na recitação do Rosário.

Pressupondo todo o trabalho crítico que tem sido feito no Santuário de Fátima, tanto pela edição crítica dos documentos como pelos Congressos Internacionais realizados, sobretudo a partir de 1997<sup>6</sup>, tomamos o testemunho da Irmã Lúcia, transmitido nas *Memórias* e em *Como vejo a Mensagem*, como digno de crédito e, por conseguinte, como referência que pode suportar uma reflexão teológica consistente.

### «Guardava todas estas coisas e meditava-as no seu coração» (Lc 2,51)

A única vez em que ocorre na Sagrada Escritura o termo *coração* aplicado a Nossa Senhora é no episódio do encontro com o Menino Jesus

<sup>6</sup> Foi particularmente importante, neste sentido, o Congresso Internacional de Fátima, realizado em 1997 e cujas atas estão disponíveis: Cf. FENOMENOLOGIA E TEOLOGIA DAS APARIÇÕES. CONGRESSO INTERNACIONAL DE FÁTIMA (Santuário de Fátima 1998). Veja-se também os nossos ensaios: J. FARIAS, O conteúdo teológico do ‘Segredo’ nas ‘Memórias’ de Lúcia, in: *Didaskalia* 1(1998) 99-122; J. FARIAS, Elementos para uma espiritualidade trinitária do ‘Segredo’, in: *Didaskalia* 2(2000) 83-108; J. FARIAS, Breves considerações marginais em torno de dois documentos – Memória e Reconciliação – e – A Mensagem de Fátima, e de um acontecimento – A consagração do Mundo ao Imaculado Coração de Maria, no dia 8 de outubro de 2000: elementos conclusivos de uma espiritualidade jubilar, in: *Didaskalia* 2(2000) 193-205; J. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima. Um ensaio teológico sobre a Mensagem de Fátima, como contributo para a entender e a viver hoje em Portugal* (Prior Velho: Paulinas 2010).

que, na primeira peregrinação a Jerusalém, quando tinha 12 anos, tinha ficado para trás e, depois de três dias de busca, O encontraram no Templo discutindo com os doutores da Lei<sup>7</sup>. Não sabíeis que Me devo ocupar das coisas do Meu Pai, fora a resposta que Nossa Senhora obteve, quando Lhe perguntou: Porque fizeste isto, Teu Pai e eu andávamos aflitos à tua procura. Obtida a resposta, o Menino regressou com eles a Nazaré e era-lhes submisso. E o evangelista conclui com este comentário: «a sua mãe guardava todas estas coisas meditando-as no seu coração» (Lc 2, 51).

Que coisas ou que palavras eram estas que ela conservava e meditava no seu coração? Com certeza sobretudo aquelas em que o Menino lhe afirmava que o que era mais importante para Ele era ocupar-se com as coisas que diziam respeito ao Seu Pai, ou seja, como explicitará mais tarde em tantos lugares que os evangelhos testemunham, que o seu alimento era sobretudo fazer a vontade do seu Pai e que fazer a vontade do Pai era não só a sua razão de ser, mas também a sua missão, o seu «destino», poderíamos dizer (cf. Jo 4,34). No fundo, Ele mesmo no seu ser e no seu agir era a manifestação da vontade do Pai, o que o quarto Evangelho interpreta em termos de «Logos», Palavra (Jo 1,14)<sup>8</sup>. O Menino que lhe respondia assim estava a recordar-lhe o que ela já sabia: que Ele era a visibilização, a incarnação da Palavra do Pai, o rosto visível da sua vontade, que ela acolhera no dia em que o Anjo Gabriel lhe anunciara ser ela a escolhida para ser a Mãe do Filho de Deus, de tal modo que, na sua aceitação, no seu *faça-se em Mim segundo a sua Palavra* (Lc 1,38), ela estava a permitir, pelo seu ato de obediência, que a Palavra de Deus nela se realizasse, que o Verbo de Deus incarnasse (Jo 1,14). Como os Padres da Igreja irão proclamar, a Palavra de Deus incarnou primeiro no seu *coração* antes de se tornar carne no seu seio virginal.

O *coração* no qual ela conservava todas estas coisas, todas estas palavras que naquele episódio do encontro do Menino Jesus no Templo ela contemplou realizadas, exprime a profundidade da sua atitude de acolhimento do mistério de Deus que no seu Filho se ia progressivamente revelando, e que confirma a sua atitude original quando permitiu que a vontade de Deus que lhe era revelada nela se cumprisse, sendo o *fiat* da Virgem o

<sup>7</sup> Cf. J. RATZINGER/BENEDIKT XVI, *Jesus von Nazareth. Prolog* (Freiburg-Basel-Wien 2012) 129-135.

<sup>8</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *Il Vangelo di Giovanni I* (Brescia: Paideia 1973) 357-373.

correspondente humano ao *fiat* divino, que pela Sua Palavra, criou os céus e a terra e o homem à sua imagem e semelhança (Gn 1,26).

Numa cena anterior, mas inserida no contexto do evangelho da infância, temos outra palavra que a Virgem Mãe interiorizava meditando-a no seu coração: a profecia de Simeão que lhe recordava que aquele Menino que ela apresentava ao Templo, a casa do seu Pai, como Ele mais tarde chamaria, seria um sinal de contradição e que uma *espada de dor* lhe atravessaria a alma, para que fossem revelados os segredos de muitos corações (Lc 2,35)<sup>9</sup>. Aqui está anunciada a participação da Mãe de Jesus na redenção do mundo operada pelo Seu Filho, redenção que, desde o princípio, já estava inscrita sob a lógica da cruz. A participação da Mãe de Deus na redenção, o que, na tradição teológica, tem sido expresso com o tema da *coredenção*, tem a sua explicação evidente a partir da *mediação* de Maria<sup>10</sup> que, pelo seu *Sim, faça-se*, permitiu a encarnação do Verbo e assim, pelo mistério da sua maternidade<sup>11</sup>, ela deu à luz o Filho de Deus e assim se realiza o que na piedade mariana se diz que é por Maria que chegamos a Jesus, pois é ela que no-lo apresenta: «Foi por meio da Santíssima Virgem Maria que Jesus Cristo veio ao mundo, e é ainda por meio dela que Ele deve reinar no mundo»<sup>12</sup>. Mas esta mediação maternal de Maria é já marcada pelas dores não propriamente da maternidade subsequente ao pecado dos primeiros pais (*pecado original*), pela culpa de Eva – «aumentarei os sofrimentos da tua gravidez» (Gn 3,18) –, tema que a piedade cristã como que espontaneamente se recusa a admitir, mas para a qual é possível encontrar um fundamento teológico. Segundo J. Ratzinger, «tornar-se cristão significa entrar no mistério do novo nascimento de Jesus Cristo, participar, renascendo, no seu nascimento». Ora, «o novo nascimento cristão é possível

<sup>9</sup> Segundo H. Schürmann, a *espada de dor* que atravessa o coração de Maria indica o *sofrimento da Mãe*, como mãe do Messias e que é envolvida em todo este acontecimento dramático do seu Filho. Cf. H. SCHÜRMAN, *Il Vangelo di Luca I* (Brescia: Paideia 1983) 256.

<sup>10</sup> Cf. J. BUR, *La Médiation de Marie. Essai de synthèse spéculative*, in: D'UBERT DU MANOIR (dir.), *Maria. Études sur la Sainte Vierge VI* (Paris: Beauchesne 1961) 471-512.

<sup>11</sup> Cf. M.-D. PHILIPPE, *Le Mystère de la Maternité divine de Marie*, in: D'UBERT DU MANOIR (dir.), *Maria VI*, 367-416.

<sup>12</sup> L. M. GRIGNON DE MONFORT, *Trattato della vera devozione a Maria* (Roma: Città Nuova 2000) 39. Era assim que este autor, S. Luis Grignon de Monfort (1673-1716), justificava a necessidade da devoção mariana, e é esta a razão pela qual se pode dizer que Nossa Senhora é «corredentora», em virtude da sua divina maternidade, pois foi pela sua mediação que o mistério da encarnação redentora aconteceu na história e, com razão se diz, que Ela nos conduz ao seu Filho.

pelo facto de que ele realmente aconteceu em Cristo e, portanto, se tornou possibilidade também para nós»<sup>13</sup>. Maria é, portanto, a *terra virgem*, santa e imaculada, a nova Eva que dá à luz não no meio das dores da maternidade como resultado do pecado de Eva<sup>14</sup>, mas sim das dores do coração e da alma trespassados segundo a lógica da cruz, do amor levado até ao fim e no qual ela participa, como nova Eva, como muito bem o vê o Evangelho de S. João que a apresenta como *mulher*, desde Caná (cf. Jo 2,2) ao Calvário, de pé, junto da cruz de Jesus (Jo 19,26). Como muito bem e oportunamente comenta o teólogo italiano Bruno Forte, o Filho de Maria é «a única Palavra saída do silêncio do Pai, a única luz que brilha nas trevas; e Maria é o único terreno puro do advento, a única terra virgem na qual o Unigénito do Pai veio colocar a sua tenda entre os homens»<sup>15</sup>.

Que segredos são esses que a espada de dor que atravessará a sua alma vai permitir que sejam revelados, escondidos em muitos corações? Arriscaria a dizer que são os segredos escondidos ou recalcados dos corações que não estão disponíveis para conservarem a Palavra de Deus, os acontecimentos da sua revelação nas dores da Mãe e do Filho, fechados em si mesmos e por isso mesmo empedernidos na sua teimosia de pretenderem *ser como Deus*, como Adão, como Eva. É no coração de Maria, unida tão intimamente com o coração de Jesus seu Filho, até ao ponto de quase constituírem *um só coração*, como nos espirituais do séc. XVII<sup>16</sup>, que verdadeiramente se

<sup>13</sup> J. RATZINGER, *La Figlia di Sion. La devozione di Maria nella Chiesa* (Milano: Jaca Book 1978) 45.

<sup>14</sup> No entanto, temos também a visão do Apocalipse com a figura da Mulher com as dores de dar à luz, no contexto da luta final entre o dragão e a mulher (Ap 12,2), mas que no fundo tem o mesmo sentido, porque também é a figura da Igreja que sofre ao longo da história, participando na *maternidade de Maria*, sofrendo as dores da paixão para continuar a *dar à luz*, a *revelar* o mistério de Cristo ao mundo, cuja paixão continua na Igreja, o Seu corpo místico.

<sup>15</sup> B. FORTE, *Maria la donna icona del Mistero. Saggio di mariologia simbolico-narrativa = Simbolica ecclesiale* 8 (Milano: San Paolo 1989) 201.

<sup>16</sup> Esta é a tese de S. João Eudes (1601-1680), um dos maiores impulsionadores da devoção ao Coração de Maria, em íntima união com o Coração do Seu Filho. Os dois corações, de Jesus e de Maria, formam uma tal unidade, ou estão de tal modo unidos que formam, no dizer do santo doutor, um só coração. Mas este será o ideal que todo o devoto deverá atingir, o que em alguns místicos se verificou, como em Santa Teresa de Ávila, Santa Catarina de Sena ou Santo Inácio de Loyola, ou seja, a fusão e a troca de corações. Estamos por isso no plano das afirmações simbólicas, que tem, aliás, no Novo Testamento uma tradução eclesiológica, quando, por exemplo, nos Atos do Apóstolos se diz que os primeiros cristãos estavam de tal modo unidos que era como se fossem uma só alma (cf. Act 2,46). Para S João Eudes, veja-se a sua obra principal: JEAN EUDES, *Le Coeur admirable de la Très Sacrée Mère de Dieu*, in: *Oeuvres complètes du vénérable Jean Eudes*, Tome VI (Paris: Beauchesne 1908).

revela quem é o homem, quem é a mulher, na profundidade opaca dos seus corações fechados, que, de certo modo, mesmo contra a sua vontade, são postos a nu, na sua miséria e no seu pecado: «Quanto à sua mãe, ela guardava todas estas coisas/palavras meditando-as em seu coração» (Lc 2,51).

### «Bem-aventurada porque acreditaste» (Lc 1,45)

A cena da visitação de Nossa Senhora a sua prima Santa Isabel reveste-se de grande importância neste contexto, sobretudo por duas palavras que o evangelista evoca, fazendo eco das memórias de Nossa Senhora, a única que podia ser mediadora destes acontecimentos, vividos por ela em primeira pessoa ou por Santa Isabel e S. Zacarias. Santa Isabel saúda-a como a «mãe do meu Senhor» que a vem visitar e depois proclama a sua bem-aventurança: «bem-aventurada és tu porque acreditaste em tudo o que te foi dito da parte do Senhor» (Lc 1,43).

Sabemos como esta saudação de Santa Isabel se tornou tão importante na piedade cristã, sobretudo a partir do momento em que se constituiu a oração do Rosário, com a recitação da Ave-Maria, em que a primeira parte é formada pela saudação do Anjo Gabriel – «Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor está convosco» – e pela saudação de Santa Isabel: «Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre». A saudação de Santa Isabel proclama que a grandeza de Nossa Senhora está na sua *fé* – bendita és tu porque acreditaste. Mais tarde vamos encontrar a mesma apreciação na boca de Jesus, quando Ele responde a uma mulher que proclama a grandeza de Maria por ser aquela cujos seios O amamentaram, ao que Ele responde que a grandeza de Sua Mãe está em ter escutado a Palavra de Deus e em tê-la posto em prática: «Diz antes: felizes os que escutam a palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 11,28). Tudo está centrado, portanto, em torno da Palavra de Deus, da Sua vontade, cuja manifestação escatológica se encontra em Jesus, o Filho de Maria e por isso não é nos aspetos secundários, mesmo se importantes, que se encontra a sua grandeza e a razão da sua bem-aventurança, mas em serem a consequência de uma atitude de fundo que tem a ver com o seu *coração*, com a sua *alma*, e que é estar totalmente concentrada em Deus, como o único necessário, como Jesus dirá no sermão da Montanha, como condição para ser autêntico discípulo:

«procurai o Reino de Deus e a sua justiça e o resto ser-vos-á dado por acréscimo» (Mt 6); ou na resposta que dá a Marta: «Marta, Marta, andas atarefada com muitas coisas, mas uma só é necessária, e Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada» (Lc 10, 41-42).

O que há de entender-se aqui por *fé*, essa atitude de Maria que a torna bem-aventurada? O que é que lhe foi dito da parte do Senhor, que palavra lhe foi dirigida? O que é que ela percebeu então ou, se não percebeu, o que é que foi objeto da sua meditação e da sua conservação no íntimo da sua alma, do seu coração?

Em muitas representações da cena da Anunciação, a Virgem Maria aparece recolhida em oração com um livro na mão. A ideia que pretende transmitir-se é que ela estava a meditar nas Escrituras, na história da salvação: na promessa que Deus fez no início, quando proclamou a inimizade entre a descendência da serpente e a da mulher, no proto-evangelho (Gn 3,15); na profecia de Isaiás que anunciara que uma Virgem havia de dar à luz e que o seu Filho seria Emanuel, Deus connosco (Is 7,14); ou ainda na profecia de Sofonias que convidava Israel a exultar de alegria porque se aproximavam os dias da libertação de Israel: «Exulta de alegria, filha de Sião...!» (Sof 3,14). A Virgem Maria meditava no seu coração o sentido das Escrituras, da história da salvação, das promessas do Deus fiel, que não desiste do homem, que não desiste da história da aliança, mesmo quando o povo é infiel («Eu sou Deus, e não um homem...» [Os 11,9]), porque Ele desperta um «resto fiel» com o qual vai recomeçar tudo de novo; a Virgem Maria na meditação profunda no seu coração, na sua humildade e na sua pureza virginal não se sentiria pertencente a este «resto fiel» com o qual Deus podia contar para recomeçar tudo de novo? Este «resto fiel» não se concentraria especialmente nela? Naquele tempo de desolação em que vivia, escondida num canto desconhecido tanto de Israel como do mundo de então, no coração crente e puro de alguém que acolhesse a Palavra de Deus, aquela que lhe narrava a história das promessas desde Abraão, a história da aliança, desde Moisés, desde os Profetas e que estes anunciavam para o fim dos tempos – veja-se o profeta Joel (Jl 3,1-5), entre tantos outros –, não passaria também por ela, pela sua disponibilidade, para Deus realizar nela o que quisesse, e que ela, na sua humildade, estaria longe de poder suspeitar, como é próprio de quem acredita, que está disposto a *arriscar* tudo, na obscuridade da fé? Acreditar, dar o salto da fé, mesmo na

Virgem Maria, era ler a história da salvação, o que Deus realizara com os pais e que agora se realizava nela, porque ela pertencia à mesma história de amor de Deus para com o seu povo<sup>17</sup>. O «salto da fé» é isto: ter a consciência de que se pertence a uma comunidade que crê, porque só aprendemos a acreditar com quem acredita, como aprendemos a falar com quem fala e a amar com quem é capaz de dar a vida pelos outros.

A grandeza de Nossa Senhora está na sua fé, na sua capacidade de acreditar que o Deus dos pais é fiel e que, de um modo que só Ele sabe, quis fazer uma história de amor com ela, escolhendo-a para, pertencendo a esse povo – Exulta, Filha de Sião – ser a Mãe do Senhor, realizar nela o que tinha sido tipologicamente antecipado na «arca da aliança» e na festa que o rei David celebrara, dançando e exultando de alegria quando a arca da aliança foi transportada para o seu lugar, em Sião (2Sam 6,5.14). A visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel realiza esse mistério anunciado na arca, o que se pode perceber, entre outros elementos, pela afirmação de Santa Isabel que diz que ao escutar saudação de Maria – que a Paz esteja nesta casa – o menino saltitou de alegria no seu seio, o que recorda o saltitar dançante de David diante da arca da aliança quando ela era transportada para Jerusalém, para o seu lugar como sinal da presença de Deus no meio do seu povo<sup>18</sup>.

Ao dizermos, como o Evangelho documenta nas palavras de Jesus, que a grandeza de Nossa Senhora está em «ter acreditado», a consequência é a sua maternidade divina, pois acreditar para ela foi aceitar a história de amor de Deus para com ela, realizando nela, de um modo definitivo, as promessas que havia feito desde os tempos mais antigos, e é isso precisamente que ela proclama no *Magnificat* que ela canta no seguimento da saudação de Isabel.

E aqui está a segunda afirmação que neste contexto julgo interessante registrar, aliás, reportando-me a um comentário sugestivo de J. Ratzinger que pensa, e bem, que a devoção mariana tão característica da piedade eclesial, tão característica do Povo cristão, faz parte desta bem-aventurança,

<sup>17</sup> Uma leitura espiritual deste tema da *fé de Maria* pode ver-se em: INÁCIO LARRAÑAGA, *O Silêncio de Maria* (S. Paulo: Paulinas 1978).

<sup>18</sup> Cf. J. RAZTINGER, *La Figlia di Sion*, 78-79.

pois, como ela diz no *Magnificat*: «por isso é que todas as gerações [e não só Isabel] me proclamaram bem-aventurada» (Lc 1,48)<sup>19</sup>.

Por outras palavras, a devoção mariana para com a Mãe de Deus não tem a ver apenas com o sentimento religioso que brotaria espontaneamente como sublimação do sentimento para com a mãe, mas pertence ao *louvor devido a Deus*, que assim realiza tão grandes coisas nos seus servos; é vontade de Deus que louvemos a Virgem Maria, como ela reconhece no *Magnificat*, porque por meio dela veio o Salvador do mundo e ela é, verdadeiramente, a figura nobre da Igreja que nela encontra por isso a sua mais sublime expressão, de tal modo que os dogmas marianos são na verdade a expressão do mistério da Igreja que é, tal como ela, Virgem e Mãe, Imaculada e Assunta. Na sua simplicidade, é acessível ao entendimento de crianças rudes e inocentes, como os Pastorinhos aos quais se manifestou nas aparições de maio a outubro de 1917.

### «Fazei o que Ele vos disser» (Jo 2,5)

Nas *bodas de Caná* a presença de Jesus e de sua Mãe purificou o sentido das bodas ou das núpcias, que no Antigo Testamento já tinham um profundo sentido teológico, não só porque no «princípio» Deus abençoou o matrimónio dando ao homem e à mulher a missão de povoarem a terra e o céu com os filhos que representam a bênção de Deus de que é expressão a fecundidade (Gn 1,28), mas também porque no Antigo Testamento as bodas são a expressão da relação de aliança de Deus com o seu povo: o facto de em hebraico *Israel* ser um nome feminino, permite traduzir simbolicamente a relação de aliança, sendo Deus esposo de Israel e Israel a esposa de Deus: “Assim como a esposa é a alegria do seu marido, assim tu serás a alegria do teu Deus” (Is 62,5).

Mas este sentido teológico tinha-se estragado ao longo da história que pode ser narrada como a história da fidelidade de Deus a respeito de uma esposa que lhe é infiel e estéril (cf. Os 2,20-22). Por isso é que, nas bodas de Caná, as *seis talhas vazias* manifestam a imperfeição e a esterilidade da antiga aliança, na qual é preciso deitar água e encher totalmente, da água

<sup>19</sup> Cf. J. RAZTINGER, *La Figlia di Sion*, 72.

que depois será transformada em vinho (Jo 2,9), mostrando assim que Jesus transforma o vazio e a esterilidade da antiga lei com os seus preceitos, na nova aliança que n'Ele se realiza e que traz consigo a plenitude da vida e da alegria: «Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 10,10); «o vosso coração alegrar-se-á e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria» (Jo 16,22).

Quando a Mãe do Senhor diz aos servos para que «façam tudo o que Ele vos disser» (Jo 2,9), está a convidá-los a que se coloquem nesta nova disposição de participarem ativamente na dinâmica da nova aliança das novas bodas que já não são aquelas, nas quais a Mãe de Jesus está – «a Mãe de Jesus estava lá» (Jo 2,1), mas na qual Jesus e os seus discípulos estão apenas como convidados – «que tenho Eu a ver com isso, mulher?» (Jo 2,4) –, mas as outras, cujo tempo de realização é a «hora» de Jesus que ainda não chegou (Jo 2,4), mas que, de certo modo, nas bodas de Caná é antecipada: a hora de manifestação da glória, da aliança e do amor, em espírito e verdade, que Jesus traz, mas traz porque Ele mesmo é o cumprimento pleno dessa *hora*. Segundo R. Schnackenburg, «não há dúvida que esta hora tem para o evangelista uma altíssima importância teológica e que determina a sua linguagem; mas também é bastante evidente que o Jesus joanino coloca o período da sua atividade terrena sob a lei do tempo que o Pai mediu e dotou de conteúdo»<sup>20</sup>. Quando os primeiros discípulos O encontraram, era por volta da *décima hora* (Jo 1,39). Mas a *hora* mais importante é a de Jesus: uma hora que ainda não chegou, como é aqui nas bodas de Caná dito; uma hora que vai chegar, em que os verdadeiros adoradores do Pai o farão, não em Garizim nem em Jerusalém, mas em Espírito e Verdade, como Jesus explica à Samaritana junto ao poço de Jacob (Jo 4,23); uma hora que se aproxima; uma hora que finalmente chega, como Jesus proclama na oração sacerdotal, durante a última ceia com os seus discípulos: «Pai, chegou a hora» (Jo 17,1).

Esta *hora* é determinada como o tempo da manifestação da *glória* de Deus. Este tema da *glória* evoca em S. João a manifestação da grandeza e majestade divina, acompanhada de sinais exteriores, como no Monte Sinai (Ex 19,18), na *hora* da aliança de Deus com o seu povo, de que, aliás, temos um eco nas bodas de Caná, porque as palavras da Mãe do Senhor aos

<sup>20</sup> R. SCHNACKENBURG, *Il Vangelo di Giovanni* I, 464.

servos – «fazei o que Ele vos disser» –, fazem-nos recordar as palavras do Povo no Sinai respondendo ao código da Aliança – as tábuas com a lei de Deus ou seja os mandamentos –, dizendo: «faremos tudo o que o Senhor nos disser» (Ex 19,8). Nesse tempo, a majestade e a glória de Deus manifestavam-se na *lei*, codificada nos mandamentos que eram apresentados como caminhos que conduziam à vida, à santidade, segundo o mandamento: «sede santos, como Eu, vosso Deus, sou santo» (Lev 19,2). Nos evangelhos encontramos o eco desta divina majestade da perfeição da lei, quando Jesus diz, no sermão da montanha: «sede perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5,48).

Mas a Lei antiga é levada à perfeição no novo mandamento do amor: *dou-vos um novo mandamento: amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei* (Jo 13,34). É no cumprimento deste *mandamento* que se manifesta a glória de Deus: se cumprirdes os meus mandamentos, sereis meus amigos, e meu Pai será glorificado (Jo 15,14).

Quando Jesus respondeu a sua Mãe que a sua *hora* ainda não tinha chegado, estava a referir-se à hora por excelência da sua *glorificação*, ou seja, a *hora* da sua morte, pois foi então que Jesus manifestou plenamente a *glória* de Deus levando até ao fim a manifestação do amor: «Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho; não para o condenar, mas para o salvar» (Jo 3, 16).

Que mundo é esse que Deus ama? É o mundo como criação, pois tudo foi feito pelo Verbo que está junto de Deus (Jo 1, 3); é o mundo dos homens, a história: «o mundo não é simplesmente a morada dos homens, mas a humanidade pecadora, afastada de Deus; mas não é ainda sinónimo dos homens que rejeitam o Enviado de Deus e o perseguem, cheios de hostilidade e de ódio. É o mundo atirado para longe de Deus, e que mesmo no mais profundo do seu ser o procura, necessitado de redenção, do qual Deus tem misericórdia num amor infinito»<sup>21</sup>. Mas há um mundo pelo qual Jesus não reza: «peço por eles, não pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus» (Jo 17,9). É o mundo da incredulidade, que não conheceu Deus nem na palavra nem na obra do seu enviado, que se autoexcluiu da esfera divina e que, por isso, não teria sentido pedir a Deus

<sup>21</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *Il Vangelo di Giovanni I*, 569.

que o protegesse no seu nome<sup>22</sup>. É o mundo do maligno, o mundo dominado por Satanás, o príncipe das trevas, que entrou em Judas e o levou a trair o mestre, não acreditando no amor: «E tendo tomado o bocado, Satanás entrou nele... Tomado o pedaço, saiu imediatamente. E era noite» (Jo 13,27.30)<sup>23</sup>.

Os discípulos de Jesus estão neste mundo, mas não lhe pertencem; por eles Jesus reza para que o Pai os preserve do mal, e eles participem da sua vitória: «no mundo tereis aflições; sereis perseguidos por causa do meu nome, não tendes medo: Eu venci o mundo» (Jo 16,33).

A morte de Jesus na cruz é a hora da glória, porque é na sua morte que, aparentemente, Ele é vencido pelo mundo das trevas; mas na realidade é vitorioso sobre o mundo: porque ninguém lhe tira a vida: é Ele que a dá e dá-a aos que n'Ele acreditam e os que n'Ele acreditam recebem a plenitude da sua vida e da sua alegria (Jo 16,24).

Nas bodas de Caná Jesus dirige-se a sua mãe dizendo: *mulher*. A mesma invocação aparece na hora da cruz, quando Jesus se dirige a ela dizendo: *Mulher*. Por sua vez, Pilatos, quando apresenta Jesus, flagelado e coroado de espinhos, à multidão, diz: *Eis o Homem!* (Jo 19,5). Segundo S. João é na hora da paixão que se revela o verdadeiro Adão – Jesus Cristo, o Homem segundo Deus, e a verdadeira Eva, Maria, os quais representam o verdadeiro início da história da salvação, pois esta foi a Hora que Deus sonhou, na qual pensou desde toda a eternidade.

Jesus entrega ao discípulo predileto a *mulher* como Mãe e é a partir daí que a Mãe do Senhor se torna a autêntica mãe de todos os viventes, dos que verdadeiramente vivem, porque acreditam, tal como ela, naquele que é a fonte da vida, de cujo seio, de cujo lado, agora aberto, jorram os rios de água vivem e quem desta água bebe viverá para sempre (Jo 7,38).

Esta cena da entrega de Maria ao discípulo que a toma como sua (Jo 19,37) precede a cena do *consumatum est* (Jo 19,30), aquela palavra que Jesus pronuncia e que significa que tudo foi consumado, plenamente realizado, nesta *hora* na qual verdadeiramente a glória de Deus se manifesta, ou

<sup>22</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *Il Vangelo di Giovanni* III (Brescia: Paideia 1981) 285.

<sup>23</sup> A «noite», além da indicação temporal óbvia, tem um profundo sentido simbólico no quadro do Evangelho de S. João, no contraste entre a luz e as trevas, o dia e a noite, o que aqui indica a «esfera das trevas de que Judas é definitivamente presa» (R. SCHNACKENBURG, *Il Vangelo di Giovanni* III, 62).

seja, o amor pelo homem levado até ao fim (Jo 13,1). Depois que Jesus, inclinando a cabeça, entrega o seu *espírito* (Jo 19,30), vêm os soldados e um deles abre-lhe o lado com uma lança (Jo 19,34). Nos evangelhos sinópticos, no momento da morte de Jesus o véu do templo rasga-se de alto a baixo (Mt 27,51), mostrando assim que o lugar do Santo dos Santos no templo físico de Jerusalém ficava, a partir da morte de Jesus, patente, aberto para todos e não apenas para o Sumo-sacerdote uma vez por ano (Heb 9,12). Em S. João não há a cena do véu do templo, mas sim da abertura do lado pela lança, abrindo-se assim o caminho para o coração de Deus, do qual jorra sangue e água. A abertura do lado de Jesus corresponde ao rasgar-se do véu do templo, porque Jesus é o verdadeiro templo de Deus, que destruído, em três dias será renovado (Jo 2,21).

Este é o grande mistério, a *hora* da manifestação da glória, porque nessa hora é *aberto* o caminho que conduz o homem a Deus e que conduz Deus até ao homem; é *aberto* o caminho que conduz à morada de Deus, o coração de Jesus, e *aberto* o caminho da morada de Deus, o coração do homem que contempla e que acredita no mistério do lado aberto que conduz o homem ao coração de Deus e Deus ao coração do homem<sup>24</sup>.

A hora que Jesus antecipou nas bodas de Caná no *sinal da água transformada em vinho* realiza-se aqui, onde temos o sinal da água e do sangue que brotam do coração de Jesus. Nesta hora realiza-se as bodas do cordeiro imolado (Ap 19,7-8), as núpcias do cordeiro imolado e da sua esposa, de Cristo e da Igreja, representada esta na figura de Maria e do discípulo que Jesus amava. A morte de Cristo na cruz é a manifestação máxima do amor,

<sup>24</sup> Valorizamos aqui a noção de *abertura*, que é uma possibilidade aproveitada por alguns Padres latinos, especialmente Santo Agostinho, dado que, como reconhece a exegese contemporânea [Cf. R. SCHNACKENBURG, *Il Vangelo di Giovanni* III, 470], o verbo grego que exprime a ação da lança com que o lado do Senhor é ferido, nas versões latinas é traduzido também por *aperuit*, nomeadamente na Vulgata. Segundo Santo Agostinho, com o golpe da lança foi aberta a porta da vida no lugar donde brotaram os sacramentos da Igreja sem os quais não se pode chegar à verdadeira vida: «Vigilanti uerbo euangelista usus est, ut non diceret: Latus eius percussit, aut uulnerauit, aut quid aliud; sed: *aperuit*; ut illic quodammodo uitae ostium panderetur, unde sacramenta ecclesiae manauerunt, sine quibus ad uitam quae uera uitae est, non intratur» (*in Io. Tract.* 120,2 [CCh 661]). Neste contexto é também muito sugestiva a interpretação de S. Boaventura segundo o qual pela ferida visível é possível ver a ferida invisível do amor: «Por isto foi ferido (o teu coração), para que pela ferida visível víssemos a ferida invisível do amor» (S. BOAVENTURA, Opusc. X: *Vitis mystica*, c. III, n. 5: *Opera Omnia*, Ad Claras Aquas (Quaracchi), 1898, t. VIII, p. 164; cf. S. TOMÁS, *STh* III, q. 54, a. 4; ed. Leon., t. XI, 1903, p. 513).

porque amar, verdadeiramente, é ser capaz de dar a vida por aqueles que se amam (Jo 15,13), mesmo quando estes não podem dar nada em troca; amar é querer o bem ao outro, pelo que ele é em si mesmo e não por aquilo que dele possa receber-se; amar é dar a vida, como Jesus Cristo, num amor sem medida, que torna amáveis aqueles que à partida não o eram.

A cruz aparece assim como o tálamo nupcial do cordeiro, do esposo que se entrega pela sua esposa, morrendo de amor por ela. Por isso, a morte de amor de Jesus Cristo na cruz é fonte e modelo de todo o amor, quer o amor conjugal quer o amor fraterno que une todos aqueles que são discípulos e que se amam no Senhor, se amam porque foram amados primeiro (1Jo 4,10).

S. Paulo entendeu bem este mistério da morte de Cristo na Cruz e foi a esta luz que ele viu em que consiste o amor que distingue os cristãos de todos os outros. Na carta aos Efésios quando fala do amor conjugal, S. Paulo diz que o marido deve amar a sua esposa como Cristo amou a Igreja, entregando-se por ela e morrendo de amor por ela; e que a esposa deve ser submissa a seu marido, ou seja, acolher este amor sem reservas e corresponder-lhe numa entrega total (Ef 5,25-32), realizando o que a Escritura dissera desde o princípio: que, unindo-se no Senhor, o homem e a mulher formam uma só carne e por isso são inseparáveis aqueles que Deus uniu (Mc 10,9).

Quando a Mãe do Senhor diz aos servos que «façam o que Ele vos disser», está a convidá-los a passarem para a lógica da nova aliança que se consumou, afinal, na hora da cruz, vivendo no amor para que, na força de Jesus Cristo, unidos a Ele como a videira aos ramos (Jo 15,4), possam amar como Ele amou (Jo 13,34).

### ***A mística da reparação/consolação: «Quereis oferecer-vos a Deus»?***

O conteúdo da mensagem das primeiras aparições – de maio a julho –, é uma dolorosa chamada de atenção a respeito dos perigos e dos riscos que a humanidade estava então a correr, tanto do ponto de vista histórico como escatológico: o presente marcado pela guerra mundial na qual Portugal também estava envolvido, com um corpo expedicionário em França

e na Flandres<sup>25</sup>; e o futuro escatológico, com a visão do inferno: «Vistes o Inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração. Se fizerem o que Eu vos mando, salvar-se-ão muitas almas e terão paz [...]. Para impedir, virei pedir a consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados»<sup>26</sup>.

Nesta referência da *terceira Memória* da Irmã Lúcia já estão enunciados os temas que fazem parte essencial da Mensagem de Fátima, ou seja, a oração e o sacrifício pela salvação das almas, a reparação dirigida ao Coração Imaculado de Maria e as implicações sociais e políticas da oração e da reparação na medida em que, como diz o texto, «se fizerem o que vos mando, salvar-se-ão muitas almas e terão paz»<sup>27</sup>. Mas este é um tema recorrente, que já vem desde as aparições do Anjo, em 1916 até à última aparição em outubro, onde o envolvimento cósmico do mistério está representado no milagre do sol, o que significa que a *paz* com Deus e a *reparação* envolvem, na sua dinâmica gratificante, não só os homens, mas também a natureza na sua dimensão cósmica.

Nas aparições em 1916, o Anjo vem preparar os Pastorinhos através do apelo à oração e ao sacrifício, como forma de reparação dos males de que padecia a humanidade e também como forma de *consolar* Deus: «Que fazeis? Oraí! Oraí muito! Os corações de Jesus e de Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Ofereci constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios [...]. De tudo o que puderdes, ofereci um sacrifício em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atraí assim sobre a vossa Pátria a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai com submissão o sofrimento que o Senhor vos enviar»<sup>28</sup>; «os corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas»<sup>29</sup>; «tomai e bebei o Corpo

<sup>25</sup> Cf. M. BRAGA DA CRUZ, *O Catolicismo português no primeiro quartel do século XX*, in: ATAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DE FÁTIMA. FENOMENOLOGIA E TEOLOGIA DAS APARIÇÕES (Santuário de Fátima, 1998), 81-92; H. BARRILARO RUAS, *As aparições de Fátima, na crise histórica de Portugal*, in: *Fenomenologia e Teologia das Aparições*, 93-100; J. MIGUEL SÁRDICA, *O Panorama cultural português no ano de 1917: o anseio de mudança*, in: *Fenomenologia e Teologia das Aparições*, 101-124.

<sup>26</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias III* (Fátima: Vice-Postulação 1990<sup>6</sup>), 105.

<sup>27</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias III*, 105.

<sup>28</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias IV*, 153.

<sup>29</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias IV*, 152.

e o Sangue de Jesus Cristo horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparaí os seus crimes e consolai o vosso Deus»<sup>30</sup>.

Logo na primeira aparição, a 13 de maio de 1917, Nossa Senhora pediu aos Pastorinhos para se oferecerem a Deus e suportarem os sofrimentos em reparação dos pecados com que é ofendido e pela conversão dos pecadores: «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?»<sup>31</sup>.

Estão aqui presentes vários temas que têm causado alguma perturbação como seja o apelo ao sacrifício e ao sofrimento reparadores como forma de *consolar* Deus. Será que Deus precisa de consolação? E se precisa: em que é que ela consiste?

O Papa Bento XVI na sua encíclica *Spe Salvi* oferece-nos uma aproximação muito simples ao que significa *consolação*: tem a ver com aquela atitude de quem faz ou se dispõe a fazer companhia a quem se sente só: «A palavra latina *con-solatio*, consolação, exprime isto mesmo de forma muito bela sugerindo um estar-com na solidão, que então deixa de ser solidão»<sup>32</sup>.

O apelo a *consolar Deus* era uma forma de dar a entender que o essencial da mensagem de Fátima tem a ver com a resposta ao *ateísmo contemporâneo*, como, aliás, a própria Irmã Lúcia reconhece, quando escreve: «A Mensagem é mais uma nova luz a brilhar no meio das trevas dos erros do ateísmo, para que este não consiga apagar a luz da fé que ainda brilha nos corações e nas almas dos eleitos»<sup>33</sup>. E ainda: «Assim, quando chegou o tempo, o ano e a hora, por Deus marcado, Ele nos enviou a Celeste mensageira, a Mãe e a Padroeira; para aí colocar o Seu altar, e daí partir a Evangelizar a terra inteira, voando como se fora, em asas de luz, não fosse o ateísmo apagar a luz da fé, da esperança e do amor»<sup>34</sup>.

O ateísmo e a indiferença religiosa são a expressão do afastamento do homem d'Aquêle que está na sua origem, deixando-O *só*. Esta solidão

<sup>30</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias IV*, 154.

<sup>31</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias IV* (Fátima: Vice-postulação 1990<sup>6</sup>), 158.

<sup>32</sup> BENTO XVI, *Spe salvi* [30 de novembro de 2007], § 38.

<sup>33</sup> IRMÃ LÚCIA, *Como vejo a Mensagem* (Fátima: Carmelo de Coimbra/Secretariado dos Pastorinhos 2006), 26.

<sup>34</sup> IRMÃ LÚCIA, *Como vejo a Mensagem*, 26.

divina está amplamente ilustrada na Sagrada Escritura. Tomo como ilustração apenas dois exemplos.

No início da história da humanidade temos o relato da criação do homem e do pecado que o primeiro par humano – Adão e Eva – praticam, pois, seduzidos pela serpente, pretendem *ser como Deus*, ou seja, ocupar o seu lugar (Gn 3,5). O resultado é o afastamento de Deus, que é descrito, primeiro, pelo ato de o homem *se esconder* e, depois, pela expulsão do paraíso. A partir daí é a história do afastamento do homem e o início de uma decadência moral e espiritual de tal grandeza que o próprio texto bíblico regista o desânimo divino como que a arrepende-se de ter criado o homem: «O Senhor arrependeu-se de ter criado o homem sobre a terra e o seu coração sofreu amargamente» (Gn 6,6).

No Novo Testamento temos a parábola do *filho pródigo* (Lc 15, 11-31)<sup>35</sup>. O filho mais novo reivindica a parte da sua *herança* e parte para longe, esbanjando os seus bens numa vida dissoluta. A *herança* de que aqui se fala tem a ver, evocando a figura de Adão, com a sua condição de criatura; mas, segundo a lógica do relato evangélico, tem a ver com a condição *filial* que o homem rejeita, pois não quer viver como filho, não quer viver *em casa* e por isso se afasta numa aventura de liberdade que o leva a perder o sentido da própria dignidade, pois acaba na mais vil condição de alguém que guarda os porcos e que nem sequer tem a possibilidade de se alimentar com o que estes animais comem.

Ambos os relatos mostram a desolação divina por se sentir só sem o homem. No primeiro, a desolação é traduzida pela pergunta que ecoa aos ouvidos do homem de todos os tempos: *Adão, onde estás? Porque te escondeste? Quem disse que estavas nu?* (Gn 3,9). No segundo, na ansiedade e no sofrimento do pai que não desiste de acreditar que o filho volte: «Ainda estava longe quando o pai o viu e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos» (Lc 15,20).

Na tradição mística, encontramos expressões arrojadas que procuram traduzir esta divina desolação pelo afastamento do homem, deixando-o só. Segundo Dionísio Areopagita, Deus como que ficou fora de si, e segundo S. Tomás de Aquino, o homem é quase como se fosse deus para Deus, de

<sup>35</sup> Cf. J. RATZINGER/BENTO XVI, *Jesus von Nazareth* I (Freiburg-Basel-Wien: 2007), 242-252.

tal modo que, sem o homem, Deus como que não pode ser feliz<sup>36</sup>. Correndo o risco do excesso e do limite da linguagem, podemos dizer que Deus *não pode viver sem o homem* e por isso sofre daquela *divina solidão* que carece, por conseguinte, de consolação.

Segundo a Irmã Lúcia, este tema aparece com insistência. Na «comunhão mística» que o Anjo dá aos Pastorinhos na sua última aparição, a Irmã Lúcia regista estas palavras: «Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus»<sup>37</sup>.

Esta mística da consolação foi a característica especial do Francisco. Um dia Lúcia perguntou-lhe: «Francisco, tu, de que gostas mais: de consolar a Nosso Senhor ou converter os pecadores, para que não vão mais almas para o inferno? Gostava mais de consolar Nosso Senhor»<sup>38</sup>; «nas vésperas de morrer, disse-me: – Olha: estou muito mal; já me falta pouco para ir para o céu. – Então vê lá: não te esqueças de lá pedir muito por os pecadores, por o Santo Padre, por mim e pela Jacinta. – Sim, eu peço. Mas olha: essas coisas pede-as à Jacinta, que eu tenho medo de me esquecer, quando vir a Nosso Senhor! E depois antes O quero consolar»<sup>39</sup>.

Noutra ocasião a Irmã Lúcia terá perguntado ao Francisco o que era para ele mais importante: se rezar pela conversão dos pecadores ou se consolar Deus: «Francisco, porque não me dizes para rezar contigo e mais a Jacinta? – Gosto mais – respondia – de rezar sozinho, para pensar e consolar a Nosso Senhor que está tão triste. Um dia perguntei-lhe: Francisco, tu, de que gostas mais: de consolar a Nosso Senhor ou converter os pecadores, para que não vão para o inferno? – Gostava mais de consolar a Nosso Senhor [...]. Eu queria consolar a Nosso Senhor e depois converter os pecadores, para que O não ofendessem mais»<sup>40</sup>. E conclui a Irmã Lúcia, comparando a espiritualidade dos dois primos: «Enquanto a Jacinta parecia preocupada com o único pensamento de converter pecadores e livrar

<sup>36</sup> «Audemus dicere quod Deus prae magnitudine amoris extra se sit» (DIONÍSIO AREOPAGITA, *De Div. Nom.* IV); «Quasi homo Dei deus esset et sine ipso beatus esse non posset» (TOMÁS DE AQUINO, *Opus.* 63, VII). Cf. J. FARIAS, *Da incerteza à esperança. Ensaio de uma soteriologia narrativa. Uma releitura teológica do motivo da Encarnação* (Lisboa: UCE 2012), 127.

<sup>37</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias* IV, 154.

<sup>38</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias* IV, 138.

<sup>39</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias* IV, 145.

<sup>40</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias* IV, 138.

almas do inferno, ele parecia só pensar em consolar a Nosso Senhor e a Nossa Senhora que lhe tinha parecido estarem tão tristes»<sup>41</sup>.

Esta preocupação dos Pastorinhos por *consolarem* a Deus teve concretamente um expressão eucarística, traduzida na sua preocupação de fazerem companhia a Jesus escondido: «Olha: tu vai à escola. Eu fico aqui na Igreja, junto de Jesus escondido»<sup>42</sup>.

No seu livro, *como vejo a Mensagem*, que deixou incompleto, a Irmã Lúcia dá-nos a entender que o essencial da Mensagem se concentra na *reparação*, conceito que ela cita abundantemente, nas passagens em que ela recorda a insistência de Nossa Senhora em convidar os Pastorinhos para que se oferecessem a Deus em reparação pelos pecados e para O consolarem, como especialmente o Francisco entendeu e viveu. Nas páginas que a Irmã Lúcia dedica ao Francisco na Quarta Memória, o conceito de *consolação* é seguramente o mais repetido<sup>43</sup>. Assim resume a Irmã Lúcia o fio condutor da Mensagem nestes termos, que podem ser entendidos como o conteúdo do que por *reparação/consolação* pode entender-se: «No decorrer de toda a Mensagem, a começar pelas aparições do Anjo, encontramos um apelo à oração e ao sacrifício oferecido a Deus por amor e pela conversão dos pecadores»<sup>44</sup>. Então, o que oferece o conteúdo teológico e místico-espiritual tanto em relação a Deus como à conversão dos pecadores, as duas dimensões essenciais da *reparação*, é o *amor*, que tem em si uma força purificadora: «Quanto a mim, parece-me que o que nos purifica é o amor, o fogo do amor Divino, comunicado por Deus às almas, na medida em que cada alma corresponde»<sup>45</sup>. A partir destas afirmações da Irmã Lúcia, podemos concluir que a *reparação/consolação*, tanto na sua dimensão *teológica* como nas suas consequências para a salvação do homem, é a noção central na mensagem de Fátima<sup>46</sup>. Mas a *reparação/consolação* não é outra coisa senão a correspondência do amor ao amor, dado que o *sofrimento e a tristeza divina* resultam de o Seu amor não ser correspondido, e por só com o amor

<sup>41</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias* IV, 139.

<sup>42</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias* IV, 138.

<sup>43</sup> Cf. IRMÃ LÚCIA, *Memórias* IV, 138-139.

<sup>44</sup> IRMÃ LÚCIA, *Como vejo a Mensagem*, 48.

<sup>45</sup> IRMÃ LÚCIA, *Como vejo a Mensagem*, 35.

<sup>46</sup> Cf. L. KONDOR, *Quereis oferecer-vos a Deus? O Apelo à reparação na mensagem de Fátima* (Fátima: Secretariado dos Pastorinhos 2013<sup>2</sup>); E. BUENO DE LA FUENTE, *A Mensagem de Fátima. A misericórdia de Deus: O Triunfo do Amor nos Dramas da História* (Santuário de Fátima, 2014<sup>2</sup>), 230-237.

é que se pode viver e praticar a reparação/consolação: Deus «não quer ser servido por força, mas por amor, porque Deus é amor e só o que se faz por amor a Ele e ao próximo por Ele é que Lhe agrada e por Ele é aceite e tem valor na Sua presença»<sup>47</sup>.

Ao sofrimento divino associa-se também a Mãe de Deus, porque o amor do Seu Filho não é correspondido e porque esta não correspondência tem como consequência a perdição do homem que cria para si o próprio inferno, como já reconhecia o filósofo francês J. P. Sartre: «quero escolher o meu inferno»<sup>48</sup>. Segundo L. Kondor, «o Coração de Maria sofre por causa do Seu Filho Jesus que é ofendido pelos muitos pecados e por causa dos Seus filhos pecadores que se encontram em perigo de perdição eterna. Esta dor domina o Coração da Mãe de Deus e dos homens»<sup>49</sup>.

Posto isto, devemos reconhecer que as *aparições marianas* e a mística da reparação que brota da contemplação da *loucura da cruz* (cf. 1Cor 1,22-23)<sup>50</sup>, que já vem sobretudo da devoção ao Coração de Jesus<sup>51</sup>, contribuíram para reavivar o sentido do *sofrimento de Deus* não só para a espiritualidade, mas também para a teologia. De facto, foi a experiência humana das tragédias provocadas pelas guerras ao longo do século XX que levou a teologia a aprofundar o mistério da cruz presente no coração da Trindade e, a partir daí, a iluminar o sentido do sofrimento humano, que põe em causa o sentido da vida enquanto tal<sup>52</sup>. Todavia, mesmo assim, o tema permanece de certo modo abstrato, sendo na espiritualidade e na mística – como experiência de uma relação unitiva com o mistério de Deus – e também na *espiritualidade popular* que o tema do sofrimento, de Deus e do homem, se torna mais sensível.

Mesmo a partir dos dados da Escritura, o sofrimento de Deus é causado porque a obra-prima da criação se estraga e corrompe. Assim é com o pecado adâmico; assim é com a trajetória histórica do povo de Israel que é a narrativa do seu afastamento, como se pode ver, de um modo emblemático, na profecia de Oseias: «O meu coração dá voltas dentro de mim.

<sup>47</sup> IRMÃ LÚCIA, *Como vejo a Mensagem*, 36.

<sup>48</sup> J. P. SARTRE, *Huis clos* suivi de *Les Mouches* (Paris: Gallimard 1947) 51.

<sup>49</sup> L. KONDOR, *Quereis oferecer-vos a Deus?*, 164.

<sup>50</sup> Cf. R. PLUS, *La Folie de la Croix* (Toulouse: Apostolat de la Prière 1932).

<sup>51</sup> Cf. R. PLUS, *Le sacré Coeur et la réparation* (Toulouse: Apostolat de la Prière 1929).

<sup>52</sup> Cf. Cf. J. MOLTMANN, *Trinität und Reich Gottes. Zur Gotteslehre* (München: Kaiser 1980) 63-68.

Comove-se a minha compaixão. Não desafogarei o furor da minha cólera, não destruirei Efraim; porque sou Deus e não um homem. Sou santo no meio de ti, e não gosto de destruir» (Os 11,8-9).

O *sofrimento divino* é por causa do homem, como muito do sofrimento dos pais é por causa dos filhos, quando estão em perigo, quando sofrem ou se perdem. No sofrimento de Deus o que está em causa é o homem e a consolação dada a Deus é para o homem, porque é ele que carece de consolação. A paixão de Cristo, que, glorificado, já não pode sofrer, continua, todavia, no seu corpo místico e em cada um dos membros desse corpo: «Alegro-me nos sofrimentos suportados por vossa causa e completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo» (Col 1,24). E, neste sentido, Ele sofre.

Esta aproximação pode ajudar-nos a compreender o que na teologia da *reparação* tem sido alcançado nos tempos mais recentes, como tivemos já a ocasião de mostrar no nosso ensaio *Da incerteza à esperança*, a que já fizemos referência neste ensaio. A noção de *reparação* (e de satisfação que lhe está conexa) surge sobretudo, em termos de experiência espiritual e mística, no contexto da *devoção ao Coração de Jesus*, em que o olhar do contemplativo se fixa no drama da *agonia* de Jesus no horto e na paixão: como parece inútil todo aquele sofrimento, quando da maioria só recebe indiferença e ingratidão. Uma oração que tem origem na experiência mística de Santa Margarida Maria Alacoque traduz este sentimento divino de um modo muito tocante, quando transmite estas palavras que a mística escutou do Coração mesmo de Cristo quando assim se lhe apresenta na cena do *Ecce Homo*: «Eis o Coração que tanto amou os homens e que não recebe da maioria, e muitas vezes dos que mais amou, senão desprezo, ingratidão e esquecimento»<sup>53</sup>.

Na linha da *teoria soteriológica* desenvolvida por Santo Anselmo de Cantuária, a *satisfação* é vista como a realização por Cristo do plano de Deus a respeito da humanidade<sup>54</sup>. Só Ele verdadeiramente, em obediência e em liberdade, realiza plenamente o *pensamento de Deus* acerca do homem criado à sua imagem e semelhança e que o pecado *estraga*. Trata-se de *reparar* a imagem de Deus no homem, o que nos leva para a teologia

<sup>53</sup> *Theaurus precum*, dos Sacerdotes do Coração de Jesus (1961), 32.

<sup>54</sup> Cf. J. FARIAS, *Da incerteza à esperança*, 48-55.

patrística da *restauração da imagem*, desenvolvida especialmente por Santo Atanásio de Alexandria<sup>55</sup>. É nesta linha que se retoma o tema da *reparação*: o Coração de Jesus, que se apresenta a Santa Margarida Maria, é o espelho que reflete o que acontece no homem pecador: o pecado estraga a imagem de Deus no homem e a imagem do homem mesmo. É esta *imagem* divina e humana que importa restaurar, *reparar*, tal como se restaura uma obra de arte. E que obra de arte é mais bela na sua origem e na sua finalidade do que o homem? «Quando contemplo os céus, obra das Vossas mãos, a lua e as estrelas que Vós fixastes; que é o homem, para Vos lembrardes dele, o Filho do homem, para dele cuidardes? Contudo, pouco lhe falta para que seja um ser divino!» (Sl 8,4-5).

Se ficamos extasiados ao contemplar as admiráveis esculturas de Miguel Ângelo – *David, Moisés, o Senhor ressuscitado, em Santa Maria sopra Minerva, a Pietà* – que não passam de imagens do homem, como não havemos de ficar igualmente e ainda mais extasiados ao contemplarmos a beleza e a dignidade do homem que se manifesta sobretudo na santidade!? E por isso causa ainda mais horror quando verificamos que esta imagem foi estragada, vandalizada, degradada por todas as formas de droga, que fazem com que, como diz a Escritura a respeito do *servo de Deus sofredor*, diante dele se volta o rosto, «tão desfigurado estava o seu rosto que não parecia homem» (Is 52,14): «Eu, porém, sou um verme e não um homem, o opróbrio dos homens e a abjeção da plebe» (Sl 22,7).

Tanto o texto do profeta Isaías (Is 52-53) como o Sl 22 foram evocados pelo Novo Testamento para iluminar, à luz das Escrituras, o drama da Paixão. Os textos proféticos de Isaías e do salmo levaram séculos à espera que encontrassem a sua realização. As narrativas da paixão tal como os evangelhos a transmitem, mesmo na sua forma plural dos quatro evangelhos, são uma meditação sobre as Escrituras, nos textos que evocam os sofrimentos do «justo» e do «profeta» sofredor, como no Sl 22 e em Is 52-53, textos que oferecem o quadro formal e histórico-salvífico para o «escândalo» que a morte violenta do Senhor como tal representava<sup>56</sup>. O que o Novo Testamento nos revela, em todo o caso, é que a Paixão do Senhor foi

<sup>55</sup> Cf. J. FARIAS, *Da incerteza à esperança*, 40-43.

<sup>56</sup> Cf. E. SCHILLEBEECKX, *Gesù. La storia di un vivente* (Brescia: Queriniana 19762), 290-300.

o momento máximo do testemunho da fidelidade de Jesus à sua missão, em obediência ao Pai – *Abba! Pai, tudo Te é possível: afasta de Mim este cálice. Contudo, não se faça o que Eu quero, mas o que Tu queres*» (Mc 14,36) –, e que tudo aconteceu «para a remissão dos pecados» (Mt 26,28), «propter nos homines et mostram salutem».

Todavia, o que n'Ele acontece é não só por nossa causa, mas Ele suporta também todo o sofrimento da Paixão, em nosso lugar, representando-nos, não no sentido de nos substituir, mas sim porque, colocando-se no lugar da degradação humana a que o pecado reduz o homem, o transfigura no novo Adão glorificado. Então, quando, na espiritualidade do Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria, se fala de *reparação*, estamos a pensar em primeiro lugar no que Cristo fez pelo homem, *reparando a sua imagem totalmente estragada pelo pecado*, de que o *ecce homo* é a expressão mais forte. Mas a *reparação* é também um apelo a que aqueles que foram *restaurados* continuem a obra de restauração da humanidade em geral e de cada homem em particular, cuja dignidade e santidade estão permanentemente expostos a grande perigo. S. João Paulo II chama a atenção para o perigo imenso que o homem de hoje corre, quando afirma: «Se alguns contemporâneos não compartilharem comigo a fé e a esperança que me impelem, como servo de Cristo e ministro dos mistérios de Deus, a implorar nesta hora da história a misericórdia do mesmo Deus para a humanidade, que esses procurem ao menos compreender o motivo desta solicitude. Ela é ditada pelo amor para com o homem, para com tudo o que é humano e que, segundo a intuição de grande parte dos nossos contemporâneos, está ameaçado por perigo imenso»<sup>57</sup>.

O Papa Francisco na bula *Misericordiae vultus* (11 de abril de 2015) em que proclama o jubileu extraordinário da misericórdia, cita este texto de S. João Paulo II, juntamente com outro, no qual se explicita em que consiste o perigo enorme que o homem de então (1980) e de hoje (2015) corre: «A mentalidade contemporânea, talvez mais do que a do homem do passado, parece opor-se ao Deus de misericórdia e, além disso, tende a separar da vida e a tirar do coração humano a própria ideia da misericórdia»<sup>58</sup>. Ou seja, se se irradia do coração humano a ideia de *misericórdia*, que

<sup>57</sup> *Dives in Misericordia* (1980), 15.

<sup>58</sup> *Misericordiae vultus* (2015), 11.

evoca em si mesma a disposição do coração para com quem padece, isso significa que o homem contemporâneo corre o risco de perder o coração e isso representa então o colapso completo da humanidade, que pode continuar a *vegetar*, mas já não *vive* humanamente!

Portanto, o convite à *reparação*, que se encontra na espiritualidade e na mística da reparação ao Coração de Jesus, tanto em Santa Margarida Maria, como em santa Faustina Kowalska, é um modo de apelar ao *amor como resposta ao amor*, tema que os recentes Papas têm insistentemente retomado, como Bento XVI quando diz que na origem do cristianismo não está uma filosofia, mas um grande amor: «Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo»<sup>59</sup>.

Se lermos a esta luz a mensagem de Fátima, não de um modo teórico e abstrato, mas considerando-a vivida nos Pastorinhos, então ela adquire um sentido pleno, porque na resposta que dão a Nossa Senhora que lhes perguntava se queriam oferecer-se a Deus – Sim, queremos –<sup>60</sup>, eles estão a colocar-se nesta lógica do amor, como resposta ao amor de que fazem a experiência nas aparições, quando são introduzidos na *atmosfera do sobrenatural*<sup>61</sup> e na luz que irradia das mãos de Nossa Senhora e que constitui, essa experiência, o seu autêntico *segredo*, ou seja, algo que não podem partilhar simplesmente porque não há palavras para o traduzir: «Esta gente fica tão contente só por a gente lhe dizer que Nossa Senhora mandou rezar o terço e que aprendesses a ler! O que seria, se soubessem o que ela nos mostrou em Deus, no seu Imaculado Coração, nessa luz tão grande! Mas isso é segredo, não se lhes diz. É melhor que ninguém saiba. Desde esta aparição, começámos a dizer, quando nos perguntavam se Nossa Senhora nos não tinha dito mais nada: – Sim, disse, mas é segredo»<sup>62</sup>. Isto quer dizer

<sup>59</sup> *Deus caritas est* (2005), 1.

<sup>60</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias* IV, 158.

<sup>61</sup> «A atmosfera do sobrenatural que nos envolveu era tão intensa que quase não nos dávamos conta da própria existência, por um grande espaço de tempo, permanecendo na posição em que nos tinha deixado, repetindo sempre a mesma oração. A presença de Deus sentia-se tão intensa e íntima que nem mesmo entre nós nos atrevíamos a falar. No dia seguinte, sentíamos o espírito ainda envolvido por essa atmosfera que só muito lentamente ia desaparecendo» (*Memórias* IV, 152).

<sup>62</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias* IV, 127.

que a *reparação* só tem sentido e só a entende quem for capaz de entender o linguagem do amor!<sup>63</sup>

O sofrimento que decorre da disponibilidade para a *reparação* – «tereis muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto»<sup>64</sup> – é a consequência da experiência de ser introduzidos na *atmosfera do sobrenatural*, e quando se confronta com a incredulidade dos familiares, como a própria Lúcia o testemunha a propósito de uma resposta que neste sentido recebeu do Francisco: «Um dia que eu me mostrava descontente com a perseguição que dentro e fora da família se começava a levantar, ele procurou animar-me dizendo: – Deixa lá. Não disse Nossa Senhora que íamos a ter muito que sofrer, para reparar a Nosso Senhor e o Seu Imaculado Coração, de tantos pecados com que são ofendidos? Eles estão tão tristes! Se com estes sofrimentos os pudéssemos consolar, já ficamos contentes»<sup>65</sup>.

Se não fosse o *conforto* da graça e do Coração Imaculado de Maria os Pastorinhos não teriam podido suportar todas as provações pelas quais passaram: «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores? – Sim, queremos. – Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto»<sup>66</sup>. E ainda, mas dirigindo-se à Lúcia: «E tu, sofres? Sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus»<sup>67</sup>.

Quer dizer que a *consolação* dada a Deus e ao Coração Imaculado de Maria reverte também em consolação e conforto dos Pastorinhos, que hoje quer dizer para todos os que tomam a sério esta mensagem e, tal como os Pastorinhos, a procuram praticar. Este será o sentido da *grande promessa* que oferece o que nós podemos designar como o *método simples da consolação/reparação aos corações de Jesus e Maria segundo a Mensagem de Fátima*.

Não seria de esperar que a Irmã Lúcia, nas suas *memórias*, tivesse a pretensão de oferecer um tratado de teologia sobre este tema, mas o que ela diz é suficiente para oferecer uma base experiencial que permite compreender

<sup>63</sup> CF. LUÍS KONDOR, *Quereis oferecer-vos a Deus?*, 165.

<sup>64</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias* IV, 158.

<sup>65</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias* IV, 125.

<sup>66</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias* IV, 158.

<sup>67</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias* II, 67.

do que se trata quando na mística e na espiritualidade se fala de *consolação*, *de reparação*, temas que adquirem sempre mais sentido e atualidade, mesmo no plano da reflexão teológica. O então cardeal J. Ratzinger, partindo da verificação da crise já mencionada da devoção ao Coração de Jesus mesmo no período da grande renovação da liturgia, procura recuperar o valor da contemplação do Coração de Jesus na perspectiva do mistério pascal. A encíclica de Pio XII – *Haurietis aquas* – contém em si muitos estímulos para despertar para o valor teológico da contemplação do mistério do Coração de Jesus, oferecendo um autêntico tratado, onde, ao mesmo tempo que permite redescobrir os fundamentos bíblicos de uma leitura histórico-salvífica do mistério do Coração de Jesus, tem profundas implicações antropológicas, pois, entre outros aspetos, a partir da contemplação do Coração de Jesus, podemos recuperar o valor e o alcance da sensibilidade e dos afetos, que fazem parte tanto do mistério do homem como, naturalmente, do mistério da Encarnação, quando tomado em todo o seu realismo<sup>68</sup>.

De um modo analógico, podemos apelar à experiência da *amizade* ou do amor e como aqueles que vivem o que estes conceitos evocam entendem quando se fala de *consolação* e da *falta* daqueles ou daquele que é envolvido neste sentimento misterioso e quase divino que se chama *amor*. Neste mundo do *descartável* tudo se substitui, mas para quem ama verdadeiramente só é verdadeiramente insubstituível *aquele que é amado*<sup>69</sup>. E a reparação consoladora só por uma experiência de companhia é que é realizável. E foi nisso que consistiu o mistério da redenção ao qual o homem é associado, tornando-se *insubstituível* para Deus que somente se alegra quando Lhe fazemos companhia. E aqui se entende, do ponto de vista prático, não só a ânsia dos Pastorinhos – do Francisco e da Jacinta – em fazerem companhia a Jesus escondido, mas também, na mística da reparação da devoção dos primeiros sábados, a ânsia dos devotos em reservarem, a pedido de Nossa Senhora, uma *hora por mês*, para Lhe fazerem companhia. Para ela, é apenas o modo simples que ela tem para os levar ao seu Filho, cujo sofrimento, porque o seu amor não é correspondido, enche de dor o seu coração de Mãe: «o Coração de Maria sofre por causa

<sup>68</sup> Cf. J. RATZINGER, *Schauen auf den Durchbohrten. Versuche zu einer spirituellen Christologie* (Einsiedeln: Johannes 1984), 41-59.

<sup>69</sup> Cf. J. FARIAS, *Da incerteza à esperança*, 121-127.

do Seu Filho Jesus que é ofendido pelos muitos pecados e por causa dos Seus filhos pecadores, que se encontram em perigo de salvação eterna. Esta dor domina o Coração da Mãe de Deus e dos homens»<sup>70</sup>. É este o sentido da *grande promessa*.

## **A grande promessa: Consagração ao Imaculado Coração**

Depois do ciclo das aparições de 1917 e quando a Irmã Lúcia já estava retirada do mundo, recolhida nas Irmãs Doroteias em Pontevedra (Espanha), ela recorda as aparições de Nossa Senhora e o pedido que lhe fizera de expandir no mundo a *devoção ao Imaculado Coração de Maria*: «Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração. Se fizerem o que eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz [...]. Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia ao meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados»<sup>71</sup>.

Em Tuy, no dia 13 de junho de 1929, Nossa Senhora queixa-se à Irmã Lúcia que não tenham atendido ao seu pedido: «Não quiseram atender ao meu pedido!... Como o rei de França, arrepender-se-ão e fá-la-ão, mas será tarde!»<sup>72</sup>

Há por conseguinte uma *urgência* neste tema da consagração ao Imaculado Coração de Maria, com a prática dos primeiros sábados como condição para a salvação dos pecadores, das famílias e pela paz no mundo. É o conteúdo da *grande promessa*, confiada à Irmã Lúcia na aparição de 10 de dezembro de 1925:

«Olha, minha filha, o Meu Coração cercado de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos Me cravam, com blasfémias e ingratidões. Tu, ao menos, vê de Me consolar e diz que todos aqueles que durante cinco meses, ao 1.º sábado, se confessarem, recebendo a Sagrada Comunhão, rezarem um Terço e Me fizerem 15 minutos de companhia, meditando nos 15 mistérios

<sup>70</sup> L. KONDOR, *Quereis oferecer-vos a Deus?*, 165.

<sup>71</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias IV*, 163.167.

<sup>72</sup> IRMÃ LÚCIA, *Memórias IV. Apêndice 2*, 233.

do Rosário, com o fim de me desagrar, Eu prometo assistir-lhes, na hora da morte, com todas as graças necessárias para a salvação dessas almas»<sup>73</sup>.

Consolar e desagrar o Coração Imaculado de Maria passa por estar tranquilamente com ela, dir-se-ia, só *por estar* uma vez que o pecado é sobretudo isolamento, abandonar alguém à sua solidão. Não tem, todavia, a finalidade de fixar o olhar e o coração do contemplativo em Maria, mas sim nela, porque o que Ela quer é levar o contemplativo a consagrar-se, a contemplar, a reparar e consolar o Seu Filho, porque Ela não quer outra coisa senão levá-lo até Ele, levá-lo até Deus: «O meu Coração Imaculado será o vosso conforto e o caminho que te conduzirá a Deus»<sup>74</sup>. Aqui se encontra o sentido profundo e teológico da consagração e da *devoção*. Segundo S. Tomás de Aquino, a *devotio* não é outra coisa senão a vontade de se entregar prontamente àquelas coisas que dizem respeito a Deus<sup>75</sup>. Entregar-se a Nossa Senhora, pela *consagração* outra coisa não será senão confiar-se à sua proteção materna para que ela nos conduza ao seu Filho. Mas alguém poderia objetar: e porque não ir diretamente a Cristo? Esta questão, em si de uma resposta que parece evidente, é em si mesma complexa. Porque, na realidade, ninguém tem acesso direto a Cristo: o encontro com Ele passa pela mediação materna de Maria, no mistério da sua divina maternidade e, depois, pela Igreja, que é o seu corpo e esposa, e por isso todo o encontro com Cristo que nos leva ao Pai passa pela mediação de Maria e da Igreja e, muito concretamente, pela mediação sacramental. Podemos dizer que todo o encontro com Cristo tem a forma mariana e eclesial. Por isso são muito importantes as formas de *devoção mariana* de que aquela que em Fátima se afigura, por vontade de Nossa Senhora, é a consagração dos primeiros sábados, que podem ser nove, ou cinco ou todos, tudo dependendo agora da intensidade da *devotio* daquele que se quer por amor associar à obra da *reparação* do amor pelo amor ao amor que não é correspondido, como o Coração de Jesus se lamentava a Santa Margarida Maria: «Eis o Coração que tanto amou os homens...». Se o Coração da Mãe sofre a espada da dor, é porque o coração do Seu Filho foi trespassado na cruz.

<sup>73</sup> Irmã Lúcia, *Memórias*, Apêndice I, 230.

<sup>74</sup> Irmã Lúcia, *Memórias* IV, 162.

<sup>75</sup> «Unde devotio nihil aliud esse videtur quam voluntas quaedam prompte tradendi se ad ea quae pertinent ad Deum formulatum (*STh* II-IIae, q. 82, a.1).

A devoção dos primeiros sábados é um caminho simples de levar o devoto à vivência dos sacramentos que acompanham e alimentam a caminhada cristã, os sacramentos quotidianos: a penitência e a eucaristia. A confissão sacramental é o sinal visível da conversão e da mudança de vida, movidas pela experiência do amor de Deus que precede o homem pecador e não desiste dele; a comunhão reparadora, no sentido de uma união com o Senhor por puro amor; a recitação do terço e quinze minutos de oração silenciosa. A quem fizer isto, durante cinco primeiros sábados seguidos, Nossa Senhora prometeu que estará com essa alma na hora da morte, assistindo-a com as graças e auxílios necessários para a hora mais importante da vida, a hora da verdade.

Não se pedem coisas extraordinárias que estejam para além das possibilidades humanas, mas sim que *uma vez por mês, no primeiro sábado*, se dedique cerca de uma hora para meditar sobre os mistérios da salvação –, os mistérios gozosos, os luminosos, os dolorosos e os gloriosos. É toda a história da salvação que passa diante do devoto, que pratica a *oração do coração*<sup>76</sup>, elevando a alma e colocando o coração nas mãos de Deus por meio do Coração Imaculado de Maria que trouxe até nós o Filho de Deus, nos conduz a Ele que nos leva para o Pai, para o mistério da Santíssima Trindade.

Ora o *terço* é a oração mais simples e fácil que tem sido sucessivamente recomendada pelos Papas, desde o séc. XVI. S. Pio V (1504-1572) com a sua Bula *Consueverunt Romani Pontifices* de 17 de outubro de 1569, exortava a que todos rezassem o terço como força para as dificuldades, no confronto com a Reforma protestante, tal como já fora no séc. XIII para os filhos de S. Domingos, na luta contra a heresia dos cátaros. O Papa Leão XIII na encíclica *Adjutricem Populi*, publicada a 5 de setembro de 1895, exortava toda a Igreja a rezar o Rosário no mês de outubro, numa espécie de cruzada de oração pela paz no mundo.

Por duas vezes o Papa Paulo VI se dirigiu à Igreja propondo insistentemente a oração do terço pela Paz: na encíclica *Christi Matri Rosarii*, de

<sup>76</sup> O que seja a *oração do coração* podemos encontrar a exposição numa obra clássica na literatura russa, de um autor desconhecido, recentemente traduzida em português: *Relatos de um peregrino russo ao seu pai espiritual* (Prior Velho: Paulinas 2011<sup>2</sup>). Considero que o *rosário* ou o *terço* faz parte desta *oração do coração* e por isso, segundo S. João Paulo II, é o caminho mais curto para a paz, e só a entende quem for capaz de compreender a linguagem do amor!

15 de setembro de 1966; e, três anos mais tarde, na Exortação Apostólica *Recurrens Mensis October*, a 07 de outubro de 1969, na qual, por ocasião do quarto centenário da bula *Consueverunt Romani Pontifices* (17 de setembro de 1569) em que S. Pio V definiu a forma do Rosário que ainda o povo de Deus recita hoje, Paulo VI recomenda vivamente a oração do Rosário pela Paz, por todos e para todos, porque, diz, «*se o mal é poderoso, a graça ainda o é mais*»<sup>77</sup>. Na *encíclica* escreve Paulo VI:

«Não é pois, em vão que, angustiados por esta terrível perturbação, colocamos em Maria a nossa esperança. Uma vez que, aumentando os perigos é preciso que aumente a piedade do povo de Deus, desejamos, veneráveis irmãos, que, com o vosso exemplo, com a vossa exortação, com o vosso estímulo, mais insistentemente se invoque a clementíssima Mãe do Senhor, durante este mês de Outubro, com a oração do Rosário. Esta oração, de facto, está ao alcance da mentalidade do povo; é muito agradável à Virgem e eficazíssima para implorar os dons celestes»<sup>78</sup>.

Paulo VI recomenda o Rosário, porque esta oração pode unir a família em oração e ser meio, por isso, da sua renovação e alimento para a sua espiritualidade, tanto dos cônjuges como da família: «Dá-nos gosto pensar e auspiciamos vivamente que, quando o encontro familiar se transforma em tempo de oração, seja o Rosário a sua expressão frequente e preferida»<sup>79</sup>.

De S. João Paulo II é conhecida a sua devoção mariana, tendo como lema «Totus tuus». Sobre o Rosário diz o Papa: «Não se pode recitar o Rosário sem sentir-se chamado a um preciso compromisso de serviço à Paz»<sup>80</sup>. Mas de uma paz que é fruto do amor, para o qual a recitação do Rosário conduz, pois «para compreender o Rosário, é preciso entrar na dinâmica psicológica do amor»<sup>81</sup>.

Tudo tão simples que até parece impossível que desta simplicidade dependa a paz e a salvação do mundo! De facto, a paz no mundo começa

<sup>77</sup> PAULO VI, *Recurrens mensis October, A nossa oração pela Paz*, § 3.

<sup>78</sup> PAULO VI, *Christi Matri Rosarii* (15 de setembro de 1966), § 7.

<sup>79</sup> PAULO VI, *Marialis cultus*, 54.

<sup>80</sup> JOÃO PAULO II, *Rosarium Virginis Mariae*, 6.

<sup>81</sup> JOÃO PAULO II, *Rosarium Virginis Mariae*, 26.

pela pacificação interior do homem, pois só quem vive em paz pode irradiá-la no seu meio e ser verdadeiramente *pacificador*: «bem-aventurados os construtores de paz, porque serão chamados filhos de Deus» (Mt 5,9).

## 6. Senhora do Rosário

Porque na vida e na história da salvação não há acasos, mas tempos oportunos de salvação, não podemos deixar de referir, porque importante para uma conceção providencial da teologia da história, o facto de que em Fátima Nossa Senhora se tenha apresentado como a *Senhora do Rosário*: «Quero que façam aqui uma capela em minha honra, que sou a Senhora do Rosário, que continuem a rezar o terço todos os dias»<sup>82</sup>; «quero que venham aqui no dia 13 do mês que vem [agosto], que continuem a rezar o terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz no mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer»<sup>83</sup>. E, na última aparição em outubro de 1917: «Quero dizer-te que façam aqui uma capela em Minha honra, que sou a Senhora do Rosário, que continuem sempre a rezar o terço todos os dias. A guerra vai acabar e os militares voltarão em breve para as suas casas»<sup>84</sup>.

Ao apresentar-se como *Nossa Senhora do Rosário*, a Virgem Maria, assim como em Lourdes a 25 de março de 1858, ao se apresentar como a *Imaculada Conceição*, veio confirmar a declaração dogmática proclamada por Pio IX a 8 de dezembro de 1854, também em Fátima veio confirmar o que os Papas, antes destes acontecimentos e depois, até aos nossos dias, têm dito sobre a importância do Rosário como a grande força espiritual e moral para a santificação dos homens, para a conversão dos pecadores e para a paz.

A *Senhora do Rosário* aparece assim com a protetora da Igreja e como a pedagoga do pequeno caminho simples e fácil da santidade, a *meditação e contemplação* dos mistérios da Vida de Jesus. E aqui está, de um modo

<sup>82</sup> Irmã Lúcia, *Memórias* IV, 172.

<sup>83</sup> Irmã Lúcia, *Memórias* IV, 162.

<sup>84</sup> Irmã Lúcia, *Memórias* IV, 172.

simples e acessível a todos aqueles que de facto forem simples e aos quais possa aplicar-se a primeira bem-aventurança – «Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o Reino de Deus» (Mt 5,3) – o caminho que conduz a Deus pela prática e pelo cultivo da oração do coração que, em última instância se pratica na recitação do rosário ou do terço. Neste sentido, a presença da Virgem Maria e o cultivo simples da *devoção mariana* são imprescindíveis no caminho da fé para a Igreja e para a piedade e espiritualidade cristãs.

O seu lugar único da história da salvação – a Mãe do redentor, a Mãe de Deus, como declarou o concílio de Éfeso (371) e a Mãe da Igreja, como declarou, durante o concílio, o Papa Paulo VI – não é, portanto, um tema que se reporta só ao passado, ao tempo das origens, mas continua hoje atuante na história. As aparições reconhecidas e aceites pela Igreja – Guadalupe (1531), Lourdes (1858) e Fátima (1917) – comprovam a solicitude materna de Maria que desde as bodas de Caná não se cansa se recomendar: *fazei tudo o que Ele vos disser* (Jo 2,5).

Pretender separar Maria de Jesus, pensar que a Virgem Mãe obscurece a imagem do seu Filho, é de certo modo também, partindo da experiência humana, esquecer o que representa a maternidade na vida de uma mulher: o mistério da maternidade é dar à luz o filho, revelá-lo, dá-lo a conhecer, de tal modo que a mãe de certo modo desaparece para que seja o filho a aparecer e a ter todo o protagonismo. O texto evangélico diz: *a Mãe de Jesus estava lá* (Jo 2,1). É este *estar lá*, de um modo atento e discreto, como fazem as mães, que dá tranquilidade ao Filho, porque há alguém, que sofreu as dores do parto, que vela atentamente, para que nada lhe falte, nada de mal lhe aconteça.

Também aqui a solicitude do magistério da Igreja tem sido incansável em recordar que não há, na devoção mariana, nenhum perigo para a centralidade cristológica do mistério da encarnação redentora. Foi neste sentido que Paulo VI se pronunciou na *Marialis cultus* (02 de fevereiro de 1974); S. João Paulo II na *Redemptoris Mater* (25 de março de 1987) e na Carta apostólica sobre o rosário, *Rosarium Virginis Mariae* (16 de outubro de 2002). Por sua vez, o episcopado latino-americano pronunciou-se muito favoravelmente sobre a piedade popular mariana no *documento de Aparecida* (29 de junho de 2007) e o Papa Francisco não deixa de insistir neste tema, como se pode ver em *Evangelii Gaudium*

(EG 122-126), em coerência, aliás, com a sua particular devoção à *Senhora que desata os nós*<sup>85</sup>.

Sabemos que a devoção mariana representa, para alguns, um obstáculo para um certo tipo de *diálogo ecumênico*, nomeadamente com o mundo protestante oriundo da reforma luterana no séc. XVI. Mas não devemos esquecer que o mundo ortodoxo, que se separou de Roma no séc. XI (1054), cultiva uma enorme devoção a Nossa Senhora, tão intensa pelo menos como entre os católicos, sendo os ícones para aqueles o que as imagens são para estes. Por isso, a questão da *devoção mariana* não pode ser vista como um obstáculo para o diálogo ecumênico<sup>86</sup>, mas sim como a condição da sua possibilidade, pois se a *mãe de Jesus não estiver lá* (Jo 2,1), como esteve nas bodas de Caná, com certeza que lhe faltará, ao diálogo ecumênico e inter-religioso, o vinho novo da compreensão, da reconciliação e da paz.

<sup>85</sup> Cf. A. A. MELO, *Maria é minha Mãe. Encontros do Papa Francisco com Nossa Senhora* (Cascais: Lucerna 2015) 111-112.

<sup>86</sup> Embora passos significativos tenham sido dados neste sentido, mesmo no campo da mariologia, como se pode ver no documento de Dombes «*Marie dans le dessein de Dieu et la communion des saints*», de 1999.